

## SÔBRE A ORIGEM AMERÍNDIA DE ALGUNS CONCEITOS GEOGRÁFICOS

*Hans Plischke*

Diretor do Instituto de Etnologia da Universidade de Göttingen

A influência exercida pelo vocabulário dos indígenas americanos sobre os povos europeus desde a descoberta do Novo Mundo foi repetidamente examinada na forma de dicionário. Da maneira mais viva mostra-se o interesse por esta matéria quando da determinação dos estrangeirismos de origem índia que hoje fazem parte da língua alemã. Testemunham êste esforço científico os seguintes dicionários e obras de consulta:

Karl Lokotsch, *Etymologisches Wörterbuch der amerikanischen Wörter im Deutschen*, Heidelberg, 1926 (Dicionário etimológico das palavras americanas na língua alemã).

Philip Motley Palmer, *Der Einfluss der Neuen Welt auf den deutschen Wortschatz 1492-1800*. Heidelberg, 1933 (A influência do Novo Mundo sobre o vocabulário alemão 1492-1800).

Georg Friederici, *Hilfswörterbuch für den Amerikanisten*. Halle, 1926 (Dicionário auxiliar para o americanista).

Georg Friederici, *Amerikanistisches Wörterbuch*. Hamburg, 1947 (Dicionário americanista).

Recorrendo a textos extraídos destes trabalhos e a frutos de leitura próprios, procuramos apresentar novos resultados acerca de alguns conceitos geográficos importantes; resultados que devem ser demonstrados também à base de relações históricas e acontecimentos ligados à história dos descobrimentos, já que isso não poderia ser tarefa de um simples resumo lexicográfico.

Graças a fontes antigas pode-se comprovar com clareza e segurança que já no início do século XVI os habitantes aruak de Haiti e Cuba, bem como do Nordeste da América do Sul, costumavam chamar de "savana" a áreas extensas e planas, cobertas de vegetação graminea densa e abundante, raramente ou nunca dotadas de árvores. Certamente um dos comprovantes bibliográficos mais antigos é o que se encontra numa das fontes principais relativas à época dos descobrimentos espanhóis. Referimo-nos à obra de Petrus Martyr, pessoa influente na corte espanhola, que, tendo sido membro do Conselho das Índias, dispunha das melhores informações acerca das Índias Ocidentais, não só em virtude de suas funções, mas também por ter sido contemporâneo de todos os grandes descobridores. Não tendo estado nunca nas terras

de além-oceano, nos domínios coloniais recém-conquistados pela Espanha, foi precisamente por isso que pôde escrever, à distância e livre de vivências pessoais, e servindo-se do ponto de vista cosmográfico da época humanística, uma história do Novo Mundo rica em dados geográficos e, particularmente, etnológicos. Apareceu em edição latina com o título "De orbe novo decades tres. Alcala 1516". Aí se lê na terceira década, terceira secção: "planitiem habet... uberem, hanc Zavanam vocant incolae". Na sua "História de las Índias", iniciada em 1527, o famoso dominicano espanhol Bartolomeo de las Casas, propugnador dos direitos vitais dos índios e precisamente por isso hostilizado pelos colonizadores, documenta, em virtude de experiências em extensas regiões das Índias Ocidentais, que a forma "çabana" era habitualmente empregada pelos nativos em Haiti e em Cuba, para designar planícies cobertas preponderantemente de capim, as quais se estendiam no interior das ilhas, entremeando as amplas florestas aí existentes na época do descobrimento. Colombo, como outros descobridores, acentua com freqüência a riqueza em florestas densas que se estendiam por essas terras, das costas até o interior montanhoso. Para êles, que vinham de uma região européia pobre em florestas, a abundante mata virgem tropical deverá ter sido uma experiência impressionante e duradoura. No que se refere ao Haiti, e ainda mais a Cuba, os velhos relatos indicam que estas regiões de mata virgem eram interrompidas de áreas de vegetação baixa. Georg Friederici manifesta a suposição de que as caçadas com auxílio de fogo, usuais entre os índios, teriam talvez contribuído para o desenvolvimento e a conservação dessas savanas. Não se pode negar a possibilidade de tal relação, particularmente quando se tem em mente o uso variegado de incêndios artificiais (desbravamento por meio do fogo, queimadas para renovação da vegetação gramínea) na economia dos povos primitivos habitantes dos trópicos e de regiões vizinhas.

A palavra aruak "çabana" passa a fazer parte do vocabulário das colônias espanholas, encontrando-se desde o século XVII também na literatura não-espanhola sôbre as Índias Ocidentais. Pelos dados provindos de tempos mais remotos e referentes a essa noção de paisagem, colhe-se a impressão de se tratar de uma planície caracterizada pela vegetação gramínea e não pela existência de árvores altas. Charles de Rochefort, "Beschreibung der Antillen Insuln. Frankfurt, 1668" (Descrição das Antilhas), p. 47, indica: "uma savana mui linda (assim é que se chamam os prados e pastagens nas Ilhas)". O termo difundiu-se também pelas partes meridionais e do médio leste da América do Norte, reivindicadas antigamente pela Espanha, bem como, a sueste, na Geórgia, onde o Rio Savannah, de 720 km de curso, e a cidade do mesmo nome, situada a pouca distância da foz e fundada em 1733 por um inglês, o Gen. Oglethorpe, ainda hoje evocam acervo lingüístico de origem aruak. A palavra entrou também no vocabulário da Carolina do Sul e do Norte, como no da Virgínia — regiões para as quais Schöpf, "Reise durch einige der mittleren und nördlichen vereinigten Staaten. Erlan-

gen, 1780" (Viagem através de alguns dos Estados Unidos centrais e setentrionais), vol. II, p. 242, apresenta os seguintes dados: "Savannah's — termo que designa regiões bem baixas, expostas às inundações dos rios, onde crescem apenas juncos, taboas e capins, e muito raramente árvores e arbustos". Tal caracterização indica tratar-se de definição localmente diferenciada, correspondente a outras condições ambientais. Mais tarde, Alexander von Humboldt emprega a palavra "Savanne" para designar as paisagens com caráter de estepe, preponderantemente cobertas de capim, existentes no interior da Venezuela. ("Reise in die Äquinoktial-Gegenden des neuen Kontinents. Stuttgart 1859" — Viagem às regiões equinociais do Novo Continente. Vol. II, p. 280 e seguintes). Já na sua obra "Ansichten der Natur", Stuttgart, 1859 (Imagens da Natureza), vol. I, na conhecida parte dedicada a estepes e desertos, emprega para essa região uma palavra de uso corrente somente na língua espanhola para designar a planície, a saber "llano", em vez da denominação "Savanne", de origem aruak. Até que ponto já naquela época se difundira o conceito, é atestado por Ferdinand Freiligrath, que em 1833, isto é, antes dos tempos de Charles Sealsfield e Friedrich Gerstäcker, glorifica em um dos seus poemas a um desbravador do vale do Mississippi, como "homem das florestas, das savanas". Como revela a leitura da "Anthropogeographie", 2 vols., Stuttgart, 1882, a palavra savanna é empregada por Friedrich Ratzel já num sentido geral que ultrapassa as Índias Ocidentais para designar planícies cobertas de preferência de capim; o termo passa a ser usado, agora, também para caracterizar particularmente as regiões de estepes africanas, tanto as do sul como as do norte. Por outro lado, nos relatos dos grandes exploradores do Sudão, como por exemplo Heinrich Barth, aparecidos em meados do século passado, a palavra não surge ainda com referência às estepes do Continente Negro. A partir de 1895, contudo, se encontram provas de que passou a ser aplicada também a regiões da Austrália.

Ainda na edição mais recente, a 12a. e 13a., do "Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache" (Dicionário etimológico da língua alemã, Berlim, 1943), de Friedrich Kluge, a origem aruak da palavra "Savanne", ou seja, a proveniência das Índias Ocidentais, figura apenas como hipótese. Interiramente errada é a opinião de Franz Riederer, que no vocabulário relativo a Sealsfield, no vol. V de Charles Sealsfield, "Gesamtausgabe der amerikanischen Romane" (Edição completa dos romances americanos, Meersburg), p. 421, atribui ao termo "savana" origem greco-espanhola. Não menos errada é a etimologia apresentada por J. J. Egli, em "Nomina Geographica", Leipzig, 1872, p. 506. Deriva êle a palavra "Savanne" do termo espanhol "sabana" = lençol, referindo-se ao sentido figurativo como caracterização de uma área plana e ampla, ou seja uma estepe.

No que se refere ao sueste da América do Sul, os espanhóis adotaram do Khetschua e Aimara do Perú a palavra "pampa" para as regiões planas, abertas, ao pé da enorme cordilheira que ao longo da costa oci-

dental se estende para o sul. Na bibliografia espanhola mais antiga, as planícies de capim da Argentina são chamadas de "llanos". Nos séculos XVI e XVII, a palavra "pampa" parece ainda não ter grande difusão. Um comprovante, talvez o mais antigo a respeito, encontra-se na "Historia de la Conquista del Paraguay", Buenos Aires, 1874-75, de Pedro Lozano, que no vol. I, p. 150, declara para o ano de 1722 que os grandes campos da Argentina costumam ser chamados "pampa", palavra oriunda da língua Khetschua. Em seguida Alexander von Humboldt emprega a palavra para designar as estepes da Argentina, adotando-a já como termo corriqueiro. Remontando à mesma origem lingüística, a palavra "Andes" para a cordilheira montanhosa sulamericana foi aceita pelos espanhóis. "Anti", nas línguas Aimara e Khetschua, significa, em oposição a "pampa" (planície), montes, montanha. O nome "Prärie" (em alemão, pradaria em português), de largo uso para designar as extensíssimas planícies de capim a oeste do Mississippi, aos pés dos Rocky Mountains, é bem ao contrário de origem francesa, e não índia. Provém do vocabulário dos "voyageurs" ou "coureurs des bois", oriundos particularmente da França setentrional, os quais conheceram esse tipo de paisagem na região de Illinois e Indiana; o termo corresponde, aliás, quase por inteiro à expressão "plains", dada pelos anglo-americanos às pradarias ocidentais. Durante as incursões dos jesuítas franceses da região dos grandes lagos em direção sul até o Mississippi, a palavra já adquirira fôros de cidadania com referência às planícies cobertas de capim que, a sudoeste dos lagos, tanto no norte como no sul da cidade de Savanna, se estendiam às margens do "Pai dos Rios" e na região da foz do Missouri. Isso é testemunhado pelo Padre Jacques Marquette no relato de sua viagem de exploração pelo Rio Mississippi, possibilitada pelo desbravador Joliet, em particular nas anotações a partir de 17 de junho de 1673.

Resumindo, pode-se dizer que o tipo de paisagem chamado na Alemanha, conforme o modelo da Rússia, de "Steppe" (estepe), costuma ser denominado pelos espanhóis, tanto nas Índias Ocidentais, como no território continental setentrional e meridional, de "savanas", ao passo que na região a leste dos Andes chilenos adotaram o nome de "pampas", salvo nos séculos XVI e XVII, quando naquelas mesmas regiões era habitual a designação "llanos"; ademais, os espanhóis empregam o termo "llanos" para as estepes do interior da Venezuela, tão vivamente descritas por Alexander von Humboldt e para as quais ainda no início do século XIX se usava também o termo "savana". Na sua obra "Sumario de la natural y general istoria de las Indias", Toledo, 1526, p. 509, Oviedo y Valdez que, em atenção a sua riquíssima experiência colonial, fôra nomeado "Historiador das Índias", caracteriza o conceito de savana como designação de planícies e prados sem árvores, — conceito que corresponde em essência ao do termo "campos", usado pelos portugueses com aplicação ao Brasil. Diferencia-se esta palavra de todas as outras, sempre empregadas com referência a regiões geográficas limitadas, pelo fato de se ter tornado, desde meados do século XIX, um con-

ceito geral para caracterizar paisagens de capim abertas, localizadas em regiões tropicais ou vizinhas e cobertas parcialmente de árvores. Eis por que as enciclopédias modernas informam que savana denota "os campos periódicamente inundados na região dos grandes rios do Brasil meridional, da Guiana (llanos) e da África central", bem como "os campos de solo árido, do Brasil; as estepes com vegetação arbórea, da África, em direção sul até o Calaári; os campos planaltinos e montanhosos cobertos de capim, da Ásia meridional, da Indonésia e da Austrália setentrional".

Quando Magalhães, em princípios de junho de 1520, seguia o litoral ao sul da foz do Rio de la Plata, acreditavam os navegantes ver na praia indígenas de tamanho extraordinário e mesmo gigantesco. Tal se depreende do diário do cavalheiro italiano Antonio Pigafetta, que participou da expedição de Magalhães, primeira viagem em tórno do globo. Uma nota do mês de junho de 1520 informa que um dos indígenas era de tal tamanho que um europeu ao lado dêle só lhe alcançava a cintura. Andava o século XVIII já bem adiantado, quando ainda se acreditava que os habitantes daquele país eram gigantes e como tais figuram nos relatórios dos mareantes que visitavam o litoral. Em junho e julho observaram-se nas areias da praia também pegadas enormes, motivo pelo qual o português Magalhães, viajando a serviço dos espanhóis, pôs aos indígenas o nome de *patágonos*, gente de pé grande ou, melhor, pé de pata. O termo deriva da palavra "pata" das línguas portuguesa e espanhola. Como já observou Pigafetta, os índios ao sul do Rio de la Plata usavam, para proteger os pés, peças grosseiras de peles de animais, daí se originando a impressão de enormes pegadas como que deixadas por patas. Por derivação dêste conceito etnográfico, a parte mais meridional do Novo Mundo, ao norte da região batizada por Magalhães em novembro de 1520 com o nome de Tierra del Fuego, ficou sendo chamada de Patagonia. Ao pé dos Andes, atravessada pelo Pilcomayo e Bermejo, a oeste do Paraguai, estende-se ampla paisagem coberta de capim e também de florestas, denominada Gran Chaco. Provém êste nome de uma palavra khetschua: chaco, chacu, comprovada já no século XVI como significando montaria, caça feita por batedores, método pelo qual os animais eram tangidos para um espaço amplo fechado por cêrcas. No Gran Chaco vivem tribos de caçadores e coletores ao lado de pescadores e lavradores. Entre todos os índios da região a caça desempenhava papel de relevância, inclusive a montaria, na qual uma fileira de batedores fazia convergir o animal para dentro de uma área cercada. Os espanhóis deram ao território todo a denominação do método de caça nêle predominante. Êste conceito de paisagem, segundo provou Gandia na sua "Historia del Gran Chaco", Buenos Aires, 1929, remonta pelo menos até 1592, quando foi usado por Cristobal Gonzales.

Uma tempestade forte costuma ser chamada na Alemanha "Orkan" (correspondente a português "furacão"), nome que se generaliza desde o século XVI. Os documentos mais antigos em que aparece são do início

daquele século e relativos às Índias Ocidentais. O dominicano Bartolomeo de las Casas usa na sua "Historia de las Indias" a palavra "huracan", explicando-a como "gran tempestad". Também em Oviedo y Valdez se encontra esta forma de "huracan". A palavra remonta às línguas aruak das Índias Ocidentais e do Continente sulamericano, possivelmente também a idiomas karaib. As formas mais antigas — "huracan", "uracan", "furacan" — transformam-se em francês em "ouragan", em inglês, como supõem filólogos, devido ao contágio com o termo "hurry" (pressa), em "hurricane", na língua flamenga em "orkaan". Daí a forma alemã "Orkan", que se impõe desde o século XVII. Assim, por exemplo, diz Ambrosius Richshoffer, na "West-Indianische Reize-Beschreibung", Strassburg, 1677 ("Descrição de uma viagem às Índias Ocidentais"), p. 152: "por um "orocaa", ou seja, tempestade tal e cruel turbilhão a que nada resiste". A etimologia da palavra "furacão", bem como sua penetração nas línguas européias são, portanto, comprovadas. Os documentos mais antigos pertencem às monografias histórico-geográficas sobre as Índias Ocidentais dos tempos da descoberta. Os navegantes europeus do século XVI, além dos espanhóis e portugueses, os franceses, ingleses e holandeses, adotam o conceito, integrando-o nos idiomas ocidentais. No que concerne à língua alemã, tal penetração ocorreu por via do linguajar dos marujos holandeses. Os descobridores e mareantes dos fins do século XV e do século XVI bem que tiveram a vivência direta das tremendas tempestades dos mares tropicais, entre estes também os das Índias Ocidentais, e assim passaram pelos perigos e angústias dos furacões. É explicável, pois, que se adotasse dos idiomas indígenas das Índias Ocidentais a denominação para essas tempestades que, em sua violência, superavam de longe experiências semelhantes nos mares europeus. Os relatos de quase todos os navegantes até o século XVIII apresentam descrições por vezes horripilantes dessas aventuras, particularmente no Mar das Caraíbas, ao largo das Grandes e Pequenas Antilhas e das Ilhas Baamas. Naufrágios em consequência dessas tempestades eram freqüentes. Visto ter sido necessário colher experiências acerca do aparecimento periódico dos furacões, antes que se pudesse escapar à sua ameaça, entende-se que na fase inicial das viagens às Índias Ocidentais numerosos navios fossem vitimados pelos tufoes. Não é de admirar, pois, que os marinheiros expostos a tais perigos cedo adotassem a denominação ameríndia para esses furacões extraordinariamente violentos. O termo difundiu-se rapidamente, de tal modo que Georg Forster no seu tratado "Die Nordwestkueste von Amerika und der dortige Pelzhandel" ("A costa noroeste da América e o comércio de peles naquela região"), Kleine Schriften, volume II, Berlim, 1794, p. 17, já podia caracterizar o noroeste do Pacífico como uma zona, "onde ocorriam os mais terríveis furacões", sem que por isso tivesse de recear que não fosse entendido.

(Trad. de Anatol H. Rosenfeld)